Olá, eu sou **Dan Rosseto**.

É um prazer te receber aqui e compartilhar este trabalho com você.

Antes de começar a leitura, gostaria de apresentar alguns avisos importantes. Agradeço seu interesse na minha obra e desejo uma ótima experiência de leitura!

DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO DE USO

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO AUTOR!

Esta obra é protegida pela Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais) e demais normas aplicáveis. Seus direitos morais e patrimoniais pertencem ao autor, ressalvadas eventuais licenças ou autorizações expressamente concedidas.

A disponibilização do texto para consulta não implica cessão de direitos nem concede licença para reprodução, adaptação, tradução, publicação, distribuição ou representação teatral, quando tais atos dependerem de autorização prévia, nos termos da legislação aplicável.

Solicitações de autorização para montagem teatral, representação pública, adaptação ou realização de leituras profissionais e acadêmicas deverão ser encaminhadas por meio do site do autor.

Também poderá ser solicitada uma cópia do texto em apenas um dos idiomas, sem a marca-d'água. O fornecimento dessa cópia não constitui, por si só, licença ou autorização para utilização da obra.

Qualquer uso deverá respeitar os direitos morais e patrimoniais do autor, conforme a legislação aplicável.

© Dan Rosseto. Todos os direitos reservados!

www.danrosseto.com

CONSULTE DIREITO AUTORAL

O ÚLTIMO CONCERTO
PARA VIVALDI

Uma peça de Dan Rosseto

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON
BEN
ADILAH

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o número 815.610,
livro: 1.586, folha: 198, em 22 de outubro de 2020.

“A gente nunca sabe quanto tempo o outro
vai morar na gente depois da despedida”.

LOCAL: Um quarto de hospital em uma grande metrópole.

ÉPOCA: Atual.

ILUMINAÇÃO: Predominar as cores de cada estação em tons fortes.

PRIMAVERA

Concerto No. 1 em Mi maior, op. 8, RV 269, "La Primavera" / 1. Allegro.

A luz acende em resistência revelando um quarto de hospital pouco equipado: duas camas, uma mesa entre elas onde se vê quatro vasos de flores em diferentes estágios de decomposição e ao lado de uma janela uma poltrona amarela coberta por uma capa plástica. Isso é tudo que há no ambiente. Deitados, cada um na sua cama, dois homens: ***BEN*** *e* ***ANTON****. Eles tem entre 35 e 40 anos. O primeiro é violinista profissional membro de uma orquestra sinfônica, o outro é matemático professor de uma universidade.* ***ANTON*** *se revira o tempo todo enquanto* ***BEN*** *tenta fixar atenção na leitura de "Misery" de Stephen King. Uma mulher,* ***ADILAH****, com idade aparente na faixa dos 55 anos aparece em cena vestida como uma enfermeira. É ela quem toma conta do local.* ***ADILAH*** *é muçulmana e preserva os hábitos e a tradição em suas roupas. Ela entrega um copo para* ***BEN*** *enquanto separa a medicação – dois comprimidos tirados de um frasco conferidos com rigor. Em seguida faz o mesmo com* ***ANTON*** *que segura o copo com as duas mãos. A mulher entra e sai de cena livremente a gosto do encenador.*

BEN– Eu acho graça na maneira que você segura o copo com as duas mãos! Parece uma criança com medo de quebrar.

ANTON– Contando o tempo que resta.

BEN– Quando eu consigo, eu prefiro dormir. Ou ler, assim o tempo passa sem que eu o perceba. Se bem que nos últimos meses está difícil o sono chegar. *(TEMPO BREVE)* Por que você não tenta dormir?

ANTON– Está impossível.

BEN– Dormindo o tempo passa rápido.

ANTON– Eu já não consigo dormir como antes.

BEN– É para isso que servem os remédios.

ANTON– Insônia crônica é o diagnóstico.

BEN– E a causa é "preocupação excessiva".

ANTON– A vida vai ficando cada vez mais dura perto do topo.

Depois de um tempo breve. ***ADILAH*** *entra em cena.*

ANTON– Tomou os remédios?

CONSULTOR DIRETO AUTORAL

ADILAH– Sim, tomou.

BEN– Eu gosto de te olhar enquanto você dorme.

ANTON– Qual o sentido?

BEN– Nem tudo precisa ter uma lógica.

ANTON– A lógica permite enxergar os detalhes que os outros ignoram.

BEN– Você é a melhor coisa que tem para ver aqui.

ANTON– Agradecido.

BEN– “Agradecido”? Eu te faço um elogio – olha que eu sou péssimo nisso – e você me responde assim?

ANTON– Eu reconheço que eu sou chato, preocupado, realista. Afinal de contas não estamos aqui para um day spa. É a vida real Ben.

Um tempo natural se estabelece entre eles. ***BEN*** *retoma o assunto.*

BEN– Uma declaração de amor antes das quatro da tarde numa terça feira tediosa de primavera e você me devolve com um simples e tímido: “agradecido”.

ANTON– Eu não tenho modos para esse tipo de coisa.

BEN– Eu ainda acho que você devia tentar dormir.

ANTON– Dormir é esquecer. É como fugir dos problemas num transe profundo.

BEN– Eu te ajudo... Quer que eu deite com você?

BEN *se levanta e vai em direção à cama de* ***ANTON****.*

ANTON– Coloque o chinelo por precaução.

BEN *calça os chinelos para atravessar o espaço até a cama de* ***ANTON.***

BEN– Já estou com eles!

Ao chegar, ***BEN*** *tira os chinelos e senta-se na cama.*

BEN– Chega mais para lá.

ANTON *se organiza na cama para* ***BEN*** *deitar ao seu lado.*

BEN– Você não acha que esse lugar está cinza demais?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Eu também não gosto da falta de cor. Mas é uma opção melhor do que o hospital.

BEN– Fecha os olhos!

ANTON– Para que fechar os..?

BEN– Sem perguntas, apenas feche os seus olhos.

ANTON *atende ao pedido de* ***BEN****.*

BEN– Você consegue se lembrar como era esse lugar antes de tudo?

Concerto No. 1 em Mi maior, op. 8, RV 269, "La Primavera" / 2. Largo.

ANTON– Primeiro saíram os tapetes. Depois as cortinas, os móveis... E por fim os meus livros, todos eles. E o que me restou? Passar os dias ao seu lado já que levaram embora também as réplicas da Frida Khalo.

BEN– Eu te dei de presente assim que você conseguiu o contrato com a universidade. Uma tela por ano de trabalho, essa foi a minha promessa.

ANTON– Dez anos, dez telas... Sabe qual é a minha preferida?

BEN– "As duas Fridas"?

ANTON– Mais uma chance.

BEN– "A coluna partida".

ANTON– "O sonho".

BEN– Era minha próxima aposta.

ANTON– "Somnus est frater mortis". O sono é irmão da morte. Sono, sonho e morte se misturam em contornos surrealistas. A realidade inevitável da morte.

BEN– Uma lembrança divertida da mortalidade, é assim que eu vejo.

ANTON– Eu achei que tudo isso fosse nos separar.

BEN– Aposentar as réplicas?

ANTON– Você sabe do que eu estou falando.

Um tempo se estabelece. Eles permanecem abraçados, deitados, juntos.

BEN– Está pensando em que?

ANTON– Em nada.

BEN– Quem pensa pouco erra muito.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Eu estou sentindo a sua respiração, o seu coração. E pensar que de uma hora para outra a gente simplesmente para de respirar.

BEN– Essa é a natureza das coisas. *(TEMPO BREVE)* Eu já tive muito medo de morrer, mas agora eu penso que é inteligente se preparar.

Mais um silêncio. Agora breve, brevíssimo.

BEN– E agora está pensando em que?

ANTON– O quanto você é chato e não me deixa dialogar com o meu silêncio.

BEN– Eu gosto de provocar o seu silêncio porque o barulho que vem dele é fascinante.

ANTON– Onde estão os quadros?

BEN– Pedi a Adilah que guardasse na garagem.

ANTON– Você o que?

BEN– Eles foram embalados um a um.

ANTON– Você tem ideia do valor de cada tela?

BEN– Claro, eu que comprei.

ANTON– Eu não estou falando de valor financeiro.

BEN– Nós precisávamos ficar com o mínimo possível aqui.

ANTON– Quando foi que vocês fizeram isso?

BEN– No dia que decidimos desmontar a casa inteira e transformar o quarto no que seria o nosso hospital particular.

ANTON– Na garagem... os meus quadros?

BEN– As réplicas você quer dizer.

ANTON– Com um imensurável valor!

BEN– Mesmo assim elas não deixam de ser o que são. Réplicas!

ANTON– Você também nunca vai tocar como o Vivaldi.

BEN *sai da cama de* ***ANTON*** *e segue em direção à janela.*

ANTON– Algumas coisas são amadas porque tem valor. Outras têm valor porque são amadas. Valor sentimental, era o que eu estava tentando explicar. *(TEMPO BREVE)* Me desculpa!

BEN– Eu e a Adilah embalamos uma a uma e depois colocamos em plástico bolha para proteger da poeira. Suas obras de arte estão a salvo.

ANTON– Eu já te pedi desculpas.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– Você já disse Anton, agora está reverberando em mim. A crueldade é um dos prazeres mais antigos do homem.

Concerto No. 1 em Mi maior, op. 8, RV 269, "La Primavera" / 3. Alegro Pastorale.

BEN– Você pode por favor me deixar digerir essa gentileza?

ADILAH *entra em cena trazendo um vaso de flores. Ela coloca sobre a mesa que divide as camas.* ***ANTON*** *rapidamente estranha.*

ANTON– Mais flores?

ADILAH– São para o senhor.

ANTON– Quem pode ter mandado?

ADILAH– Tem um cartão preso junto ao vaso.

ANTON– Me alcance, por favor.

O telefone toca. ***ADILAH*** *entrega o cartão para* ***ANTON*** *e vai atender ao telefone enquanto o homem lê o cartão. Ela atende e logo desliga.*

ANTON– *(LENDO)* "Deixe que a vida faça contigo o que a primavera faz com as flores". *(SOBRE O TELEFONEMA)* Quem era Adilah?

ADILAH– Eu atendi, disse alô e desligaram imediatamente.

ANTON– De novo sem assinatura? É o quarto que recebo só este mês.

ADILAH– Deve ter sido algum aluno fazendo um agrado. O senhor é muito querido na universidade.

ANTON– Toda semana um vaso de flor sem identificação.

ADILAH– Não se preocupe, flores são sempre bem vindas.

ANTON– Você tem razão. Obrigado Adilah.

ADILAH *sai de cena.* ***ANTON*** *insiste no assunto.*

ANTON– Você está bravo, ainda, por conta do que eu falei?

BEN– Eu preciso estudar um pouco.

ANTON– Eu já pedi desculpas. Mas peço novamente: me desculpa!

BEN– Eu tenho profundo respeito e admiração pela sua profissão. Eu jamais ia te atacar de uma forma tão grosseira. *(TEMPO)* E essas flores sem identificação?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Está desconfiado de que?

BEN– Eu não acho normal alguém receber flores semanalmente com cartão e dedicatória, sem assinatura.

ANTON– Está com ciúmes?

BEN– Por mim você pode sair por aí trepando com todos os seus alunos – um por um – que eu não vou me importar. Você já fez isso antes.

ANTON– Aquilo foi um período em que nós estávamos separados.

BEN– Por um oceano! Eu estava tocando na Europa.

ANTON– Seis meses fora, viajando em turnê com a orquestra.

BEN– Enquanto isso você trazia para casa um aluno por dia.

ANTON– Nós fizemos um acordo lembra? Durante o tempo em que você estivesse fora, nós poderíamos ter relações com quem quiséssemos desde que não nos apegássemos.

BEN– Eu não fui para cama com ninguém. Ninguém!

ANTON– Como eu poderia saber se... foi ideia sua inclusive.

BEN– Durante os seis meses que eu passei fora, eu só conseguia pensar em você.

ANTON– E quem disse que eu não?

BEN– Trepando com um por dia?

ANTON– Não houve uma pessoa que me fizesse pensar em jogar tudo para o alto. E não fala em “um por dia”, não foi um por dia. Você já fez as contas de quanto isso dá?

BEN– O matemático aqui é você!

ANTON– Cento e oitenta e quatro pessoas aproximadamente.

Um tempo se estabelece entre eles. Com calma ***ANTON*** *prossegue.*

ANTON– A ideia de abrir a relação foi sua. Eu recusei no primeiro momento até você me convencer que seria uma solução para amenizar a distância.

BEN– Nada do que você falar vai mudar o que eu penso.

ANTON– Eu te amo, Ben!

BEN *para por um instante, depois volta-se para suas partituras.*

ANTON– Eu gosto de te ver tocar. *(TEMPO)* Eu acho que sem a música a vida seria um erro. *(TEMPO)* Nós podemos falar sobre o Vivaldi?

BEN– Não, não podemos. Eu estou tentando estudar, mudar o foco. Pensar em outra coisa. Você também devia voltar ao trabalho.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Eu estou de licença.

BEN– Quando voltar corre o risco de ser substituído.

ANTON– Facilmente.

BEN– As pessoas substituem coisas, pessoas – principalmente pessoas – de uma forma muito rápida.

ANTON– Ben, eu posso ter trepado com cento e oitenta alunos enquanto você esteve fora, mas eu nunca deixei de pensar em você.

BEN– Fico envaidecido em saber que enquanto eu estava trabalhando, você fodia feito uma cadelinha e ainda pensava em mim para gozar.

ANTON– Era exatamente assim. *(TEMPO)* Por que é tão difícil ouvir isso?

BEN *resmunga qualquer coisa,* ***ANTON*** *prossegue firme.*

ANTON– Qual o problema em saber o que já foi? Já foi!

BEN– Foram cento e oitenta?

ANTON– Não, não foram.

BEN– Eu quero saber quantos foram.

ANTON– Dois.

BEN– Eu conheço..?

ANTON– Um deles. O outro foi um estranho que eu peguei no banheiro de um pub no dia do seu aniversário. Eu estava pensando tanto em você... foi inevitável. Sentir aquele cara dentro de mim foi uma forma – burra talvez – de ter você por perto.

BEN– Nesse dia eu falei com você por telefone e você me disse que ia dormir cedo por que tinha que aplicar prova no dia seguinte.

ANTON– A trepada no pub foi antes do seu telefonema.

Breve silêncio. ***BEN*** *retoma o assunto.*

BEN– O outro...

ANTON– O que tem?

BEN– O que eu conheço, quem era?

ANTON– Você quer mesmo...

BEN– Me fala de uma vez!

ANTON– Um aluno meu.

BEN– Qual o nome dele?

ANTON– De quem?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– Não se faça de desentendido.

ANTON– Martin.

BEN– O Martin? Aquele sardento, esquisito, com aparelhos nos dentes?

ANTON– O próprio.

BEN– Ele é só um garoto.

ANTON– Já passou dos vinte anos!

BEN– Os pais dele te pagavam por aulas particulares.

ANTON– Ele se apaixonou por mim.

BEN– Você também se apaixonou por ele?

ANTON– Sim.

BEN– Sim?

ANTON– Sim!

BEN– "Desde que não nos apegássemos".

ANTON– Ele é jovem.

BEN– Mentiroso!

ANTON– De repente eu passei a ver a vida de uma forma mais leve. Mas já passou, durou três semanas.

BEN– Obrigado por me relatar sobre o seu romance juvenil com aquele garoto enfadonho enquanto eu estava longe de casa trabalhando.

BEN *caminha pelo quarto minúsculo. De repente volta-se para* ***ANTON****.*

BEN– Eu também conheci uma pessoa.

ANTON– Você disse que não foi para cama com ninguém!

BEN– Não significou nada.

ANTON– Por que você não me contou?

BEN– Eu não quis.

ANTON– Existe um motivo?

BEN– Foi um caso. Durou menos tempo – muito menos tempo – que o seu, não dá nem para comparar.

ANTON– Que bom, eu acredito em você! Eu só queria que você tivesse me contado. Você sabe que eu prefiro a verdade, em todos os casos.

BEN– Você não quer saber como foi, onde aconteceu... o nome?

ANTON– Eu acho completamente desnecessário ficar discutindo quem fodeu com quem, sendo que tudo isso já passou e que nós temos menos tempo do que gostaríamos para ficar juntos.

BEN– Simples assim?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Complicar é mais fácil, acredite. Você só precisa escolher pesar ou não.

BEN– Você me traiu, Anton!

ANTON– Não, não e não! Já vi que você escolheu pesar.

BEN– Eu escolhi sentir.

ANTON– Escuta uma coisa só...

BEN– Você quer me convencer de...

ANTON– Escuta! Eu amo você e tenho, acredite por tudo que é mais sagrado neste mundo, um tesão absurdo só de tocar na sua pele. Sentir-se amado e desejado – antes de tudo – é mais valioso que qualquer atestado de fidelidade.

BEN– Você não vai me convencer com esse discursinho moderno.

ANTON– Você não se sente amado Ben?

BEN– E mais uma vez você reverte a situação a seu favor.

ANTON– Manter-se fiel é um exercício para qualquer casal. Nós escolhemos abrir, foi uma experiência que já acabou. Não precisamos repetir e mesmo que a gente quisesse... eu só tenho olhos para você.

BEN– As coisas para você se diluem facilmente.

ANTON– Evitar que doa mais do que já dói é maturidade. Aceite!

BEN *se prepara para sair. Imediatamente* ***ANTON*** *interrompe.*

ANTON– Aonde você vai?

BEN– Vomitar.

ANTON– Eu te ajudo.

BEN– Eu só vou até o banheiro que é aqui do lado, botar para fora algo indigesto provocado por um assunto desagradável. Eu não vou fugir.

BEN *sai de cena.* ***ADILAH*** *aparece trazendo algumas correspondências.*

ANTON– Você viu como ele está rebelde?

ADILAH– O senhor Ben tem esse jeito explosivo desde que eu o conheci. Desconfie de pessoas calmas demais. Chegaram algumas correspondências.

ANTON– Deixe-me ver.

ADILAH *entrega duas cartas para* ***ANTON*** *e retém uma com ela.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Contas. A gente passa uma vida inteira pagando. É como se Deus mandasse boletos todos os meses para nos lembrar de que há um preço por estar vivo.

ADILAH– Deus não tem nada a ver com isso.

ANTON– Foi só um modo de dizer, fazer uma comparação.

ADILAH– Deus é único e incomparável. E o propósito do homem e da existência é adorá-lo sobre todas as coisas.

ADILAH *respira fundo antes de falar.*

ADILAH– O senhor não acredita em Deus?

ANTON– A questão não é crer e sim sentir. Eu não consigo acreditar num Deus que quer ser louvado o tempo todo.

ADILAH– Senhor Anton, acreditar é uma questão de fé.

ANTON– Deus é mais simples do que as religiões. Mas isso é o que eu acho, Adilah.

ADILAH *não reage.* ***ANTON*** *observa a carta retida pela mulher e questiona.*

ANTON– E esta outra correspondência?

ADILAH– É para o senhor Ben.

ANTON– E o que se trata?

ADILAH– Eu não olhei o remetente, apenas separei a sua correspondência das dele, sem me preocupar com quem mandou.

ADILAH *deixa a correspondência na mesinha lateral.*

ADILAH– O médico confirmou a consulta para o início do verão.

ANTON– Não falta muito tempo?

ADILAH– Algumas semanas.

ANTON– Que seja no verão. Da última vez ele analisou os exames e disse que estava tudo como o previsto. Vamos para mais uma consulta.

ADILAH– É melhor não descuidar senhor Anton.

ADILAH *sai de cena.* ***ANTON*** *rapidamente pega a carta endereçada a* ***BEN*** *procurando o remetente (que não há). Em seguida guarda-a em seu bolso para ler em outro momento antes que o homem retorne ao quarto. A luz cai em resistência indicando o fim da PRIMAVERA.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VERÃO

Concerto No. 2 em Sol menor, op. 8, RV 315, "L'estate" / 1. Allegro nom Molto.

Há uma passagem de tempo de algumas semanas e uma mudança na estação que modifica a iluminação da peça. ***ANTON*** *está sozinho no quarto. Ele tira do bolso de seu casaco a carta endereçada a* ***BEN*** *e lê calmamente. Com a mudança rítmica da música* ***ADILAH*** *entra apressada segurando um casaco. Ela segue até* ***ANTON*** *ajudando-o a se vestir.* ***BEN*** *aparece em cena já vestido para a consulta médica. Numa partitura milimetricamente desenhada pelo encenador eles se locomovem pelo espaço dando a impressão da passagem de tempo assim como o encontro com o médico.* ***ADILAH*** *recolhe os vasos de flores um a um e coloca sobre a mesa lateral um ventilador antigo daqueles que gira 180 graus dividindo o vento para as duas camas.* ***ANTON*** *tira o seu casaco e joga em uma mobília, em seguida liga o aparelho para se refrescar enquanto* ***BEN*** *está quieto próximo à janela procurando uma fresta de sol para se aquecer.* ***ADILAH*** *repete a mesma ação do início da peça, separar a medicação – dois comprimidos tirados de um frasco conferidos com rigor. Ela entrega para os homens e começa a dobrar o casaco de* ***ANTON****.*

ANTON– Eu detesto essa exposição à luz do dia.

ADILAH– Volta teu rosto sempre na direção do sol, e então, as sombras ficarão para trás.

ANTON– Eu devo ter perdido o hábito de sair na rua, ver gente.

ADILAH– Um professor que não gosta de ver pessoas?

ANTON– As pessoas na rua já não se olham como antes. Parece que cada um segue firme em direção ao seu propósito. Não existe fidelidade maior entre o humano e a sua ambição. Ela cega o homem.

ADILAH– Eu trouxe o ventilador do quarto de hóspedes, por sorte ainda funciona. Está muito quente e pode ser de grande serventia.

ANTON– Será! Obrigado, Adilah.

O telefone toca. ***ADILAH*** *prontamente vai atender.*

ADILAH– Oi. *(TEMPO)*. Quem está falando? Alô. *(TEMPO)* Alô!

ADILAH *desliga o telefone.*

ADILAH– Todos os dias é a mesma coisa. Eu atendo, não falam nada do outro lado e desligam.

ANTON– Deve ser alguém querendo vender plano de saúde.

ADILAH– Por falar em saúde, o que disse o médico?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Tudo sobre controle.

ADILAH– É uma boa notícia, não é?

ANTON *responde que sim com a cabeça.*

ADILAH– Eu vou adiantar o almoço antes que fique tarde. Com licença.

ADILAH *deixa a cena. Os homens estão sozinhos.* ***BEN*** *dispara com calma.*

ANTON– Saia da janela, está muito quente. Deve estar fazendo trinta graus na sombra. *(TEMPO)* Você não disse uma palavra no caminho do médico até aqui.

BEN– Quanto tempo nós temos?

ANTON– Você quer mesmo falar sobre isso, nós acabamos de chegar, eu dirigi por mais de uma hora naquela estrada péssima.

BEN– Dois meses, um ano..?

ANTON– Sempre que voltamos das consultas você fica nesse estado.

BEN– Com você tudo se transforma em matemática. Qual a previsão?

ANTON– Eu realmente não sei.

BEN– Nós combinamos sempre falar a verdade um para o outro.

ANTON– Eu não tenho como precisar.

BEN– Eu vi a cara do médico quando ele estava analisando os exames. Não está tudo bem, essa porcaria está consumindo a gente.

ANTON– Nós sabíamos que seria assim. Quando a gente decidiu que passaria esse último ano juntos, nós já tínhamos conhecimento que uma hora ou outra tudo teria fim. Foi o nosso acordo, lembra?

BEN– Ver o fim a conta gotas.

ANTON– Ficarmos juntos até o final.

Um silêncio se estabelece entre eles.

BEN– Eu estou esperando uma correspondência. Você viu se chegou?

ANTON– Do que se trata?

BEN– Chegou ou não?

ANTON– Vai ser difícil responder se você não me disser.

BEN– Um envelope endereçado a minha pessoa.

ANTON– Você está esperando algo?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– Chegou, Anton?

ANTON– Não que eu tenha visto.

Um tempo breve. ***BEN*** *retoma o assunto.*

BEN– Eu estive pensando numa coisa. Você não precisa passar por isso comigo. Eu estou doente Anton, não você. É uma estupidez você viver como se estivesse internado... Você deixou o seu trabalho!

ANTON– Nós já discutimos sobre isso.

BEN– O que o médico te disse quando vocês se despediram. *(TEMPO)* Sem cerimônia para qualquer assunto, lembra?

ANTON– Muito bem. Ele disse: "É admirável como ele tem vontade de viver. Aproveitem esses meses, aproveitem." Engraçado que ele falou duas vezes a palavra "aproveitem", em seguida concluiu: "O corpo não demonstra sinais externos, mas por dentro a situação é irreversível". Foi exatamente isso que ele me disse.

O telefone toca. ***ADILAH*** *entra apressada e atende.*

ADILAH– Oi. *(TEMPO)* Quem gostaria de falar com ele? Quem? *(TEMPO)* Um instante que eu vou passar o telefone.

ADILAH *tapa o aparelho com uma das mãos. Ela fala num volume baixo para que a pessoa do outro lado da linha não ouça as suas palavras.*

ADILAH– Telefone para o senhor Ben. Eu não entendi direito, a ligação não está muito boa, mas pareceu importante.

BEN *segue até o telefone. Ele atende!*

BEN– Sim. *(COMEÇA A FALAR EM ITALIANO)* Signore di Lucca, come stai? *(TEMPO)* Sto bene, grazie. E lei? *(TEMPO)* Può dire, sono in ascolto. *(UM TEMPO MAIOR)* Um concerto? Per Vivaldi? Dele quattro stagioni? Che notizia meravigliosa per um giorno come questo! *(TEMPO)* Quando sarà la data? *(UM TEMPO CURTO)* In inverno! Sì, sará um onore per me! *(TEMPO)* Aspetto una nuova chiamata per avere più informazioni. *(TEMPO)* Arrivederci, grazie!

BEN *desliga o telefone. Ele não consegue esboçar reação alguma.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Quem era?

BEN– O diretor da orquestra sinfônica de Larson?

ANTON– O que ele queria?

BEN– Ele me convidou para tocar num concerto das quatro estações.

ANTON– Quando será?

BEN– No próximo inverno.

ANTON– E você respondeu...

BEN– Que sim.

ANTON– Sim?

BEN– Eles vão me ligar para novas informações... Eu realmente não sei como eu vou fazer, mas eu aceitei.

ADILAH– Que notícia boa!

ANTON– Adilah você pode nos deixar a sós?

ADILAH– Claro que sim, com licença.

ADILAH *deixa a cena rapidamente.*

ANTON– Você sabe que é impossível.

BEN– Impossível para quem?

ANTON– Até o inverno você pode estar...

BEN– Morto!?

ANTON– Não precipite as coisas.

BEN– Eu fiz bem em aceitar.

ANTON– Você sabe que é loucura.

BEN– Todo homem tem suas loucuras e muitas vezes elas são as coisas mais interessantes que ele possui.

ANTON– Você não pode trabalhar! Para sair de casa precisa estar com a imunidade alta.

BEN– "É admirável como ele tem vontade de viver. Aproveitem esses meses, aproveitem." Você não vai me impedir.

ANTON– O que você tem é grave.

BEN– Eu quero ter forças para fazer o concerto em Larson. O último concerto para Vivaldi.

ANTON– É uma irresponsabilidade!

BEN– Você também devia retornar ao trabalho. Ligar na universidade e pedir para voltar o quanto antes.

ANTON– Eles me afastaram por tempo indeterminado.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– Por que fizeram isso?

ANTON– O Martin. Os pais dele pediram a minha cabeça junto à reitoria. *(TEMPO BREVE)* Se eu insistir em voltar eles tomarão providências cabíveis. Foram essas palavras que eles usaram: providências cabíveis.

BEN– Aquele emprego é a sua vida.

ANTON– Também não exagera. Eu posso me virar de outra maneira, com aulas particulares. Aconteceu uma vez, não significa que eu vou ter um caso com meus alunos daqui para frente. E depois era só um garoto curioso querendo uma experiência com um homem, um cara mais velho.

Um silêncio se estabelece.

ANTON– Você vai tirar essa ideia estupida da cabeça.

BEN– A recompensa final dos mortos é não morrer nunca mais. Se eu conseguir fazer este concerto, o meu último, eu serei lembrado por isso e não por ter sobrevivido até o fim sem ter feito nada. Vem comigo!?

Concerto No. 2 em Sol menor, op. 8, RV 315, "L'estate" / 2. Presto e Forte.

ANTON– Vigiar você é tudo que eu tenho feito esses últimos meses.

BEN *se aproxima de* ***ANTON****. Eles se olham por um tempo, se reconhecem facilmente pela respiração, pela percepção do toque e encaixe de seus corpos.*

ANTON– A Adilah pode entrar e nos ver assim...

BEN– Ela ficaria orgulhosa em assistir o amor na sua forma verdadeira.

ANTON– Não é todo mundo que tolera... você sabe!

BEN– O problema do homem é que ele precisa de justificativa para tudo aquilo que ele bloqueia.

ANTON– As pessoas não aprenderam a adestrar os seus preconceitos.

BEN– Cada um vai viver menos por não assumir o que gostaria de ser. Eu só quero sentir você...

ANTON– Ben, eu não acredito que você está com vontade de...

BEN– Eu ainda não morri, Anton.

Eles se beijam. A música de Vivaldi cresce. ***BEN*** *interrompe a ação, tirando de dentro da gaveta da mesa lateral uma pequena caixa. De lá tira uma aliança.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Por que isso agora?

BEN– Amar não é suficiente?

ANTON– É precipitado.

BEN– Morar junto, se amar na saúde e se aguentar na doença é se precipitar? Eu quero me casar com você.

ANTON– Onze anos juntos e a gente nunca falou sobre isso.

BEN– Mentira! Eu te pedi em casamento uma vez.

ANTON– Você quis provocar um grupo de turistas na praça do Vaticano e me beijou no meio da multidão que assistia uma missa.

BEN– Eu fiquei inspirado.

ANTON– A gente quase apanhou. Tivemos que voltar para o hotel e ficamos dois dias inteiros trancados no quarto até as pessoas se esquecerem da nossa cara.

BEN– E você nunca respondeu o meu pedido.

ANTON– Eu achei que depois de tantos anos juntos esse rótulo não fosse uma questão.

BEN– Rótulo? Anton, casamento não é só para quem quer se exibir.

ANTON– Muita gente se casa nos dias de hoje exatamente para isso.

BEN– Você está errado!

ANTON– A essa altura do campeonato, correr papéis.

BEN– Eu já fiz isso. Eu já dei entrada na papelada.

ANTON– Por que essa necessidade repentina em assinar um contrato?

BEN– Uma conquista.

ANTON– Nós não precisamos disso.

BEN– Quem decidiu por nós: você?

ANTON– É o que eu acho!

BEN– Você não consegue aceitar nada que saia do raio da sua compreensão, da sua aceitação.

ANTON– Não é verdade! Nós podemos conversar sobre qualquer assunto, como estamos fazendo.

BEN– Mas no final, vai fazer prevalecer a sua vontade. Se você não quer se casar comigo, se para você está tudo bem como está, eu não posso te obrigar.

ANTON– Eu não me sinto obrigado.

BEN– Mas você não está facilitando. É só dizer “sim” ou “não”.

ANTON– Não é tão simples assim.

BEN– Você vai aceitar a aliança ou eu posso mandar entregar na casa do Martin para ele guardar quando eu não estiver aqui. Daí quem sabe você repensa e decide se casar com o seu garoto sardento.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Não seja infantil! Quer discutir, faça como um homem.

BEN– Quando eu estiver apodrecendo numa cama de UTI você não poderá entrar pelo simples fato de você não ter um vínculo, não ser parente, nada! Um sobrenome garante direitos e um deles é esse Anton!

BEN *perde a força nas pernas e cai sentado sobre as próprias pernas.* ***ANTON*** *fica desesperado e chama por* ***ADILAH*** *que entra apressada. A música cresce e a luz cai em resistência sem atingir o blackout. Quando retorna,* ***BEN*** *está na cama dormindo.* ***ADILAH*** *e* ***ANTON*** *observam o homem.*

ADILAH– Não há dor que o sono não consiga vencer. O senhor também devia aproveitar e descansar.

ANTON– Eu tenho medo de dormir.

ADILAH– O senhor quer colo?

ANTON *ri achando graça.*

ADILAH– Eu falo sério senhor Anton! Muitas vezes um afago melhora o dia. Eu já cuidei de muita gente doente, mas a pior fraqueza sempre é a cabeça. Ela é a nossa pior inimiga. Vocês deviam aproveitar esse momento para viverem em paz.

ANTON– Nós estamos à espera de um milagre.

ADILAH *segura as mãos de* ***ANTON****. Ela olha o homem nos olhos.*

ADILAH– "Toda alma provará o sabor da morte e no dia da ressurreição, sereis recompensados integralmente pelos vossos atos". Está no Alcorão. O criador conhece cada criatura e sabe o que é melhor para cada um. Nós estamos vivos para aprender, sempre guiados por ele. Cada um de nós tem um saldo positivo e negativo com Deus e na hora da morte nós vamos ser descontados. O senhor precisa acreditar.

ANTON– A esperança é o pior dos males. Ela prolonga o tormento do homem.

ADILAH– Ele está sendo bem assistido pelos médicos. Tenha fé!

ANTON– A fé não vai manter ele vivo.

ADILAH– Mas vai ajudar o senhor a se manter de pé. Eu vi a morte de perto muitas vezes, ela não é bonita eu posso garantir.

Eles observam ***BEN*** *dormir.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Ele é um homem lindo não é?

ADILAH– Dormindo ele parece um anjo.

ANTON– Ele me propôs casamento, dias atrás.

ADILAH– Por um instante apenas ou uma vida inteira, não se deve negar a felicidade. E o amor de vocês deve ser respeitado.

ANTON– Todo amor merece respeito.

ADILAH– "Homens foram feitos para amar mulheres, formarem famílias e terem filhos, netos..." Isso está tão ultrapassado. As pessoas seguem sobre princípios antigos e buscam evolução. Eu não entendo. No meu país vocês seriam perseguidos e mortos por viverem a sexualidade.

ANTON– Não é só no seu país que isso acontece Adilah. Parece que nós incomodamos... e quanto mais o tempo passa o incômodo aumenta, assim como a intolerância.

ADILAH– O que me fazem de bom eu escrevo na pedra e o que fazem de ruim eu escrevo na areia. Sem mágoas, sem rancor. *(TEMPO)* Eu sei como é senhor Anton. Eu sou mulher, muçulmana, não tenho família e vivo fora do meu país; das minhas tradições. Eu já presenciei tantas tragédias, não sei como ainda estou viva. Quando for a hora e a vontade de Deus ele virá me buscar.

Depois de um tempo brevíssimo.

ADILAH– Por que o senhor não vai dar uma volta, tomar um sorvete. Eu fico de olho para quando ele acordar.

ANTON– Eu preciso ter uma conversa com o Ben, eu não posso mais adiar o assunto. Eu vou esperar ele acordar.

ADILAH– Aceite o pedido de casamento, não pense demais no que está por vir. O amanhã é incerto demais.

A luz cai em resistência sem atingir o blackout total.

Concerto No. 2 em Sol menor, op. 8, RV 315, "L'estate" / 3. Presto.

Numa partitura desenhada pelo encenador eles organizam o espaço dando a impressão de passagem de algumas semanas. ***BEN*** *está dormindo.* ***ADILAH*** *retira o ventilador e na mesa lateral ela depositou uma quantidade maior de medicamentos, além de um porta soro que ela mesma coloca no homem.* ***ANTON*** *caminha pelo espaço sem perceber a passagem dos dias.*

BEN– Eu não fui para cama com ninguém. Eu disse tudo aquilo só para te provocar. Eu estava com muita raiva.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Como você está?

BEN– Logo eu viro estatística. Faz parte do processo de “estar vivo”.

ANTON– Você tem uma saúde de ferro.

BEN– O ferro também enferruja.

Tempo breve. ***ANTON*** *prossegue.*

ANTON– Eu pedi a Adilah que fizesse uma sopa para você.

BEN– Eu sinto enjoo só de pensar.

ANTON– Você precisa se alimentar.

BEN– Me convide para jantar.

ANTON– O que?

BEN– Um jantar. Me convide para uma noite.

ANTON– Mas nós não podemos sair Ben.

BEN– Use a imaginação, Anton.

ANTON *com muita calma usa o livro mimetizando um telefone. Ele faz uma ligação para* ***BEN*** *que percebe a intenção, imitando o barulho de um telefone tocando.* ***ANTON*** *dispara com carinho.*

ANTON– Você não vai atender?

ANTON *volta com o barulho do telefone.* ***BEN*** *usa o extensor do soro fingindo ser um telefone e atende o aparelho imaginário.*

BEN– Sim.

ANTON– Eu gostaria de falar com você.

BEN– Que surpresa receber uma ligação sua.

ANTON– Eu atrapalho?

BEN– Definitivamente não.

ANTON– Eu te liguei para avisar que nós temos uma reserva.

BEN– Reserva?

ANTON– Num restaurante.

BEN– É?

ANTON– Hoje!

BEN– Justo hoje?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Você tem compromisso?

BEN– Eu preciso checar na minha agenda, a vida está atribulada!

ANTON– Faça isso! Eu aguardo na linha.

*Eles se olham como duas crianças se divertindo com um brinquedo novo. Depois de um tempo **BEN** volta ao telefone imaginário.*

BEN– Você deu sorte! Hoje eu estou totalmente disponível.

ANTON– Que ótimo!

BEN– Realmente é ótimo.

ANTON– Eu passo para te buscar as sete em ponto.

BEN– Seja pontual por favor.

***ADILAH** entra em cena com um prato de sopa numa bandeja. Neste ponto da conversa eles deixam os objetos de lado e começam a conversar sem a necessidade dos "telefones", olhando um no olho do outro, apaixonados.*

ANTON– Você tem exatamente... cinco minutos.

BEN– É o tempo que eu preciso.

ANTON– Não se atrase, nós podemos perder a reserva. O lugar é bastante disputado.

BEN– E onde nós iremos?

ANTON– É surpresa.

BEN– A quanto tempo você não me surpreende.

ANTON– O lugar é incrível, você vai adorar, eu garanto. Tchau!

BEN– Tchau...

ANTON– Um beijo.

*Eles se beijam carinhosamente. **ADILAH** intervém imediatamente.*

ADILAH– Vocês vão sair?

ANTON– Vamos, Adilah.

ADILAH– Mas o senhor Ben precisa ficar de repouso absoluto.

ANTON– E você vai com a gente.

ADILAH– Eu?

BEN– Sim.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ADILAH– Não!

ANTON– Já está decidido, você é nossa convidada.

ADILAH– Eu acabei de fazer uma sopa para os senhores.

ANTON– Confie Adilah!

Ouvimos uma música instrumental. Pode-se repetir alguma variação que já foi utilizada em alguma passagem anterior. Os três organizam o cenário montando um restaurante improvisado dentro do próprio quarto; com pratos, talheres e bebidas até deixar a mesa pronta. ***ADILAH*** *ajuda* ***BEN*** *a se levantar da cama e se locomover pelo espaço. Eles sentam em suas cadeiras.*

ANTON– Sejam bem vindos ao bistrô mais charmoso da cidade.

BEN– Parece bem vazio.

ANTON– Seremos os primeiros... e únicos.

BEN– Não tem serviço de atendimento?

ANTON– Não! É como se estivéssemos em casa.

ANTON *está muito feliz.*

ANTON– Voilá! Podem degustar seus pratos. Eu fiz questão de escolher o cardápio. Nenhum lugar do mundo serve a comida tão depressa, por isso que eu sempre gosto de vir aqui. E a cheff, meu Deus, é excelente. E o cheiro, sintam o aroma desta sopa, é tão...

BEN– Familiar.

ANTON– Exatamente! Comam, como se não houvesse amanhã!

Os três parecem felizes, leves, mesmo que por um instante. ***BEN*** *come a sopa, o que deixa* ***ANTON*** *e* ***ADILAH*** *felizes.*

ANTON– Então quer dizer que o senhor Ben é violinista profissional?

BEN– Você nunca ouvir falar da minha pessoa? Que erro!

ANTON– Um erro mesmo! O rapaz aqui é coisa muita, você não acha?

ADILAH– E a quanto tempo o senhor toca?

BEN– Desde muito pequeno. Eu sempre demonstrei aptidão para as artes, até começar a estudar ballet na escola.

ADILAH– O senhor é bailarino?

BEN– Não, eu sou violinista.

ANTON– Por pouco não temos o sucessor de Mikhail Baryshnikov.

CONSULTE O DIREITO AUTORAL

BEN *respira fundo antes de contar a sua história com a música.*

BEN– Antes de estudar música eu me arrisquei na dança. Você pode imaginar, um garoto – menino – no meio de inúmeras garotinhas tentando se enturmar e a aprender dança. *(TEMPO)* Acreditem ou não, mas eu era motivo de chacotas dentro do próprio grupo. Sabe o que elas diziam? Que aquilo não era coisa de homem. *(TEMPO)* Minha mãe foi até a escola tomar satisfações com a professora que disse calmamente: "tratam seu filho assim por que ele não é normal". *(TEMPO)* Eu cheguei apanhar na cara de um garoto que gritou comigo dizendo que eu tinha voz de veadinho. Mais tarde foi a vez da diretora juntar meu pai e minha mãe – que se odiavam – para uma reunião. Ela disse: "seu filho dança ballet, só anda com meninas, não joga futebol. Ele está virando veado e vocês apoiam?" *(TEMPO)* "Homem não chora", era isso que meus pais diziam. Eu tentei fazer esporte, salto a distancia. Numa competição, antes de saltar, dois moleques me jogaram areia nos olhos e ainda completaram: "Agora vai e pula bichinha". *(TEMPO)* Algumas mães dos meus poucos amigos homens pediram a eles, para se afastarem de mim porque poderiam ficar mal falados no colégio. Sem contar os apelidos que me colocavam, um pior que o outro. *(TEMPO)* Não era homofobia, imagina. Todas as vezes tentaram me convencer dizendo que eles estavam apenas se "expressando". *(UM TEMPO MAIOR)* Naquela época eu já sentia que a minha aptidão era para a música clássica, só não imaginava que seria músico e me tornaria um violinista.

ANTON *segura as mãos de* ***BEN****.*

ANTON– Me peça para casar com você, agora!

BEN– O que?

ANTON– Faz o que eu estou falando. Me pergunte: Anton, quer casar comigo?

BEN– Anton, quer casar comigo?

ANTON– Sim. De novo.

BEN– Anton, quer casar comigo?

ANTON– Sim. Mais uma vez.

BEN– Anton, quer casar comigo?

ANTON– Mais uma, de novo! Vai, de novo! Eu quero, eu aceito!

A música de Vivaldi cresce. Os três parecem felizes, aliviados e cúmplices. A luz cai em resistência indicando o fim do VERÃO.

CONSULTE DIRETO AUTOR

OUTONO

Concerto No. 3 em Fá maior, op. 8, RV 293, "L'autunno" / 1. Allegro.

Há uma passagem de tempo de algumas semanas. É o dia da cerimônia do casamento de ***BEN*** *e* ***ANTON****. Os homens assinam enfim a certidão do matrimônio. As camas são reposicionadas ficando lado a lado formando uma cama de casal para que* ***ANTON*** *fique próximo ao marido durante o tempo que resta. Em seguida,* ***ANTON*** *dá um beijo na testa do marido e sai de cena.* ***ADILAH*** *traz uma cadeira de rodas para o homem sentar, ele está muito fraco e já não consegue se movimentar como antes.* ***ADILAH*** *regula o soro de* ***BEM*** *e mede a temperatura do homem. Em seguida começa a paramentá-lo para cortar o seu cabelo.*

ADILAH– *(RECOLHENDO O TERMÔMETRO)* Sem febre!

BEN– Você também acha que eu não vou conseguir... Que eu não vou estar vivo até a data.

ADILAH– Senhor Ben, eu não sou médica. Não cabe a mim dizer se o senhor viverá por meses ou anos.

BEN– Eu vou tocar com a orquestra Adilah. A gente só morre uma vez nessa vida, eu não posso dar vexame.

ADILAH– Vocês falam em morte o tempo todo como se ela fosse uma visita prestes a chegar.

BEN– Falar é uma maneira de aceitar.

ADILAH– A morte alcançará a todos nós, sem atrasar e nem adiantar nenhum segundo. Essa é a lei da vida!

BEN– Adilah, você já pensou em antecipar o seu tempo na terra?

ADILAH– Eu não estou entendendo senhor.

BEN– Morrer.

ADILAH– Ir contra a vontade de Deus?

BEN– Todo mundo já pensou nisso pelo menos uma vez.

ADILAH– Ele nos colocou nesse mundo para sermos testados das piores formas. Coloque a fé e a religião na sua vida. Se tiver em dificuldade você tem três opções em que se apegar: a paciência, a súplica e a confiança em Deus. A pessoa que antecipa a sua partida está desistindo do contato com Deus.

BEN– Para alguns pode ser a solução.

ADILAH– No desespero todos pensam ser a solução. Isso é errado no islã. Tudo que leva a morte por sucídio é proibido e a punição é fatal.

BEN– Eu não falei em suicídio, Adilah.

ADILAH– A vida que ganhamos é uma graça de Alá. Ele não nos dá a vida para acabarmos com ela. Estar vivo é uma dádiva, senhor Ben.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– E depois todo mundo tem alguma coisa para fazer antes de morrer, no meu caso o concerto em Larson.

ADILAH *termina de cortar o cabelo e com um espelho mostra o resultado.*

ADILAH– O senhor Anton me deixou uma ordem expressa para que...

BEN– O senhor Anton, meu marido. Você tem ideia o quanto é importante para mim dizer o "meu marido".

ADILAH– Eu também já tive o meu "grande dia".

BEN– Você é casada Adilah?

ADILAH– Eu fui com um homem, agora estou com Deus.

BEN– Vocês se separaram?

ADILAH– "De todas as coisas lícitas, o divórcio é a mais detestável aos olhos de Deus", disse Hadith. Na minha crença o casamento é uma instituição sagrada. A separação é um fracasso para meu povo.

BEN– E onde está o seu marido..?

ADILAH– Morreu. *(TEMPO)* Mas eu não quero falar sobre isso.

O telefone toca. ***ADILAH*** *se prepara para atender.*

ADILAH– Eu vou atender e o anônimo espirituoso vai desligar na minha cara, como sempre tem feito.

BEN– Deixa eu atender? Ah, deixa! *(INSISTE)* Por favor Adilah!

ADILAH *estica o fio do telefone para* ***BEN*** *atender.*

BEN– Alô. *(TEMPO)* Quem gostaria de falar com ele? *(TEMPO)* Não, eu não sou o Anton, mas se você quiser deixar um recado eu aviso que...

A pessoa do outro lado da linha desliga.

BEN– Desligou.

ADILAH– Pelo menos a pessoa trocou duas palavras com o senhor.

BEN– Era um rapaz querendo falar com o Anton.

ADILAH– Uma coisa é certa: notícia ruim chega depressa! Não deve ser nada sério, se não ele certamente teria dado o recado.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON *entra em cena. Ele não esboça um sorriso sequer.*

BEN– Não morre mais! Nós estávamos falando de você.

ADILAH– Suas bochechas estão rosadas. A temperatura caiu?

ANTON– E vai piorar nos próximos dias. Eu ouvi no rádio que vem chegando uma frente fria do sul.

ADILAH– O senhor quer jantar ou vai tomar banho antes?

ANTON– Nem uma coisa, nem outra. Eu preciso falar com o Ben.

ADILAH– Mas o senhor vai querer comer depois?

ANTON– Não se preocupe, eu estou sem fome. Pode descansar, você deve estar exausta.

BEN– E olha que eu nem dei trabalho hoje.

ADILAH– O senhor não me cansa o ofício.

BEN– Espere até o inverno e você irá mudar de ideia.

ADILAH– Eu estou preparada senhor, Ben.

BEN– Para o inverno?

ADILAH– Também. *(TEMPO)* Eu vou me deitar, eu já não sou tão jovem quanto os senhores, o sono chega mais cedo e eu tenho minhas obrigações com Deus antes de dormir. Se precisarem é só chamar.

ANTON– Boa noite.

ADILAH– Fiquem em paz.

ADILAH *sai de cena.*

BEN– Posso saber onde estava o senhor meu marido?

ANTON– Resolvendo assuntos de adulto. Como você passou o dia?

BEN– Muito bem. Eu estudei um pouco, depois eu pensei em você, estudei mais um tanto, pensei muito em você, estudei... E você?

ANTON– Eu fui encontrar encontrar um advogado.

BEN– E por que?

ANTON– Por dois motivos. E eu vou começar pelo mais simples. Eu estou sendo processado pela universidade por assédio sexual. Os pais do Martin que pressionaram, a pedido dele inclusive.

BEN– Que garoto sem escrúpulos.

ANTON– Ele não aceitou o término, não entendeu, sei lá... Ele se apaixonou, conforme eu te falei, então ele começou a me forçar.

BEN– Anton pare de gaguejar.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Nosso caso não durou três semanas. Eu tentei acabar mas ele disse que não ia suportar viver sem mim, que ia contar para você, para os pais dele... Ameaçou se matar e colocar a culpa em mim.

BEN– E você?

ANTON– Eu não queria que isso acontecesse, entende? Não queria! Então eu continuei a me encontrar com ele, como um amigo, um professor... Na tentativa de fazê-lo entender que não haveria nenhuma possibilidade de acontecer mais nada. Eu amo você, Ben.

BEN– E quando foi que você deu um basta de vez?

ANTON– Na primavera. Foi quando eu disse que não iria mais encontrá-lo, eu já estava de licença da universidade então tudo seria mais fácil.

BEN– Esses encontros... O que vocês faziam?

ANTON– O que você acha? Mas eu juro que aconteceu, por pena, medo, eu não sei. Eu só queria calar aquele garoto apaixonado. E ele só me deixava partir depois de ter o que ele queria, então eu...

BEN– Ele tem provas concretas, isso é ruim para você! Será que é ele que está ligando aqui em casa? Que cretino!

ANTON– Você não está bravo por conta de..?

BEN– Eu não tenho vida útil para isso Anton. Eu não vou te julgar, você é meu marido. Um processo como o de assédio sexual pode acabar com a sua carreira. O mais importante agora é você reverter tudo isso. Fazer a justiça entender que essas chantagens... Era ele quem estava assediando você, que te forçou a fazer sexo com ele. Abuso é quando uma das partes não consente... E o Martin foi perverso, sacana.

ANTON– O advogado disse que há grandes chances de acontecer um acordo entre as partes. Eu só preciso ficar longe da universidade, do Martin... O fato de eu ser, enfim, você sabe... piora tudo.

BEN– Ser gay piora tudo? O advogado disse isso? Ou a universidade?

ANTON– Ninguém disse nada! Eu estou encucado.

BEN– Nem precisa dizer Anton. Você olha nos olhos das pessoas e lá está o preconceito, estampado. E tem outra que é muito pior.

ANTON– O que?

BEN– Se eles realmente alegarem o fato de você ser homossexual, eles é que vão pagar caro. Escreve o que eu estou dizendo, qualquer tipo de preconceito racial ou sexual é crime inafiançável. O seu advogado não te orientou sobre isso? O que mais vocês dois conversaram?

ANTON– Vai ficar tudo bem, eu confio no advogado que está cuidando do caso. Eu só queria te contar... eu preciso tanto de você. Tanto!

Concerto No. 3 em Fá maior, op. 8, RV 293, "L'autunno" / 2. Adagio Molto.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

***ANTON** ajoelha-se aos pés de **BEN**.*

ANTON– Obrigado por não me abandonar num momento como esse.

BEN– Eu jamais faria isso.

ANTON– Por conta do processo talvez eu não possa sair do país. É possível que eu não consiga te acompanhar na viagem para Larson.

BEN– Era esse o segundo assunto?

ANTON– Não.

BEN– Puxa vida, que dia! *(RESPIRA FUNDO)* Muito bem... Eu não vou desistir da viagem.

ANTON– Eu preciso falar sobre uma coisa que está me incomodando.

***ANTON** tira do bolso do casaco o envelope endereçado a **BEN** e mostra a ele.*

ANTON– A carta que você está esperando.

BEN– Quando foi que chegou?

ANTON– Na primavera.

BEN– E por que você não me entregou?

ANTON– O que é isso, Ben?

BEN– Você já deve ter lido.

ANTON– Morte assistida!? *(TEMPO)* Eu tive tempo suficiente de pesquisar sobre esse lugar. Você já está no quarto e último passo!

BEN– Não grita comigo.

ANTON– O que chegou neste envelope é toda a documentação dizendo que você foi aprovado e já pode escolher quando quer se... É demais!

***ANTON** prossegue **BEN** apenas ouve. Caladíssimo!*

ANTON– A partir de agora é você quem decide a hora da sua morte. Diz aqui que os pacientes escolhem partir na presença de entes queridos... E até duas pessoas podem acompanhar o procedimento. Isso é ridículo Ben, é inaceitável! Eu nem sei o que pensar...

BEN– Cada dor é única. Cada sofrimento é único...

***ANTON** amassa a carta com uma das mãos.*

BEN– E cada um sabe onde fica a sua paz.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Como você conseguiu os relatórios médicos para enviar?

BEN– Eu não sou criança. Eu tenho acesso a todos os meus exames.

ANTON– Eu li também que eles precisam saber a gravidade do seu quadro.

BEN– “Irreversível” é meu quadro clínico. E se você leu com calma deve saber que para se tornar um membro é preciso que o paciente esteja pleno de sua saúde mental e com total capacidade de discernimento.

ANTON– Discernir entre o certo e o errado. E você escolheu o pior!

BEN– Já te passou pela cabeça que de um dia para o outro eu posso perder a consciência de quem eu sou, para sempre.

ANTON– Eu estarei aqui para cuidar de você.

BEN– Você está tão doente quanto e nem se deu conta. A gente nunca fica doente sozinho, quem está perto adoece junto. Eu apenas me inscrevi e fui aceito no programa. Não significa que vou usar o serviço.

Um tempo brevíssimo se estabelece.

BEN– Se essa merda doer – e vai doer – eu vou precisar de uma ponte.

ANTON– Isso não é ponte, é um abismo.

BEN– Minhas artérias estão entupindo e logo não vai chegar sangue no meu cérebro, nem oxigênio, nem nada, nada. A cada dia que passa o meu organismo mata um monte de células nervosas. Isso vai me paralisar aos poucos até me deixar cheio de sequelas.

ANTON– É a lei natural.

BEN– A natureza não pode ser tão cruel comigo.

ANTON– Nós podemos tentar a cirurgia, o médico disse que é...

BEN– É um risco. Dos poucos casos que ele operou um ficou cheio de sequelas e o outro não resistiu o fim da operação.

ANTON– Mas pelo menos nós vamos ter tentado.

BEN– Essa decisão tem que ser minha e de mais ninguém. Eu tenho pavor de perder o controle do meu cérebro. Eu vou me tornar um vegetal em cima de uma cama! E sabe o que me admira? Eu estou do seu lado nesse processo que a universidade está movendo contra você. E você Anton, está disposto a me ajudar ou está apenas pensando na sua dor?

ANTON– Você decide acabar com a sua vida e eu tenho que aceitar?

BEN– É meu direito.

ANTON– Suicídio!

BEN– Não fala uma besteira como essa.

ANTON– “Eutanásia” é um termo que você aceita?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– Você é um homem tão inteligente... Você sabe a diferença entre uma coisa e outra.

ANTON– O fato de você ser agnostico facilita as coisas para o seu lado.

BEN– Se Jesus Cristo tivesse tido a opção, tamanha foi a quantidade de merda que fizeram com ele até o deixarem exposto e pendurado na cruz... Pior! Martelaram um prego em cada uma de suas mãos e nos pés também. Se ele realmente existiu e teve esse fim... Ele teve escolha?

ANTON– Não blasfeme!

BEN– E todos os anos o homem insiste em lembrar esse sacrifício que dizem que ele fez por nós! Por que? Por puro sadismo em adorar um corpo morto! Porque inventaram que é lindo ver alguém guardando luto por uma matéria que vai apodrecer quando a alma não estiver mais ali.

ANTON– Você está passando dos limites!

BEN– Tentar me manter vivo até que o meu corpo decida parar de vez é um ato sádico da sua parte. Porque você, quer mostrar para todo mundo que tentou até o fim, que sofreu comigo e que parte de você também morreu quando eu tiver partido. E que de alguma maneira a sua dor é tão compatível quanto a minha pelo simples fato de ter passado por isso comigo. Mas a dor é minha, a cruz é minha! É sobre mim.

ANTON– Você mentiu para mim.

BEN– Eu o que?

ANTON– Você escondeu todo esse tempo que estava planejando se matar. E não é o fato de você ter mentido para mim e sim o fato de que eu não consigo confiar em você que me deixa irado.

BEN– Durante uma fase da minha vida – você ainda não me conhecia – eu tocava em hospitais. Eu sempre gostei de tocar para os doentes, por que eles não esperavam muito mais da vida, então eles valorizavam cada instante. Era como se eles já soubessem que estavam com os dias contados. Então eles ficavam ali tentando parecer bons, cheios de pensamentos bons, só esperando para ver quem seria o próximo. A cada quinze dias eu aparecia para tocar e sempre tinha um a menos. Pode não parecer, mas o corpo sente quando está acabando.

ANTON– Isso é crime, eu já verifiquei com o advogado. Ele vai tentar impedir que você saia do país. A ideia de tocar em Larson é mentira, não é? Quando te ligaram, era desse lugar que faz a eutanásia, não era?

BEN– Não é eutanásia, é morte assistida.

ANTON– Eu vi que eles tem uma clínica em Larson. Você inventou essa viagem só para sair do país e conseguir fazer o procedimento por lá.

BEN– Eu não acredito que você está desconfiando de mim.

ANTON– Estou! Você resolve se matar e não me comunica.

BEN– Eu poderia comprar veneno em qualquer loja de ferragens e misturar na minha sopa. Ou então usar a corda do meu violino, seria mais emblemático, você não acha?

CONSULTOR DIREITO AUTORAL

ANTON– Você não seria capaz.

BEN– Exatamente! Eu jamais tiraria a minha vida de forma tão inconsequente. O convite para o concerto é real, as passagens foram emitidas e eu estou ensaiando inclusive.

ANTON– Você não vai conseguir.

BEN– Me tirar esse sonho, isso sim vai me matar.

ANTON– É uma questão lógica, você não tem condições de sair desta casa! Como vai entrar num avião e se deslocar para outro país. Eles sabem que você está perdendo os movimentos das pernas?

BEN– Eu sempre fui muito correto no meu trabalho Anton.

ANTON– Eu vou ligar para eles tão logo amanheça e comunicar que você não vai tocar nesse concerto.

BEN– Liga! Quer o número?

ANTON– Durante esse tempo eu li tudo o que eu podia sobre eutanásia.

BEN– Não é eutanásia! Para acontecer uma eutanásia, eu preciso estar num hospital, sem consciência, sedado. E os médicos com o seu conscentimento é que decidem encerrar com a minha vida desligando os aparelhos. Ou seja, é você que estaria me matando.

ANTON– Se um médico te ouvir falar assim.

BEN– Anton, por meios legais não é em qualquer lugar que eu posso decidir entre viver ou morrer. Isso não tem nada a ver com medicina.

ANTON– Tem a ver com o que? Direito?

BEN– Tem a ver comigo. Quando eu estiver irreconhecível em cima de uma cama de hospital, você vai ter que decidir junto com um médico quando será a hora de desligar o meu aparelho. E isso vai acontecer!

ANTON– Eu não teria coragem.

BEN– Por isso que eu me inscrevi no programa. Para que você não precise tomar essa decisão.

ANTON– Só que você não pode decidir sozinho.

BEN– Quem falou?

ANTON– O advogado! Mas eu li sobre isso no regulamento que você precisa de um parente próximo para assinar o termo. Sozinho você não decide nada.

BEN– É verdade. Tem essa cláusula que prevê uma testemunha, que tenha o mesmo sobrenome e que ateste o meu real desejo de morrer.

ANTON– Eu jamais faria isso.

BEN– Faria, sabe por que? No meu caso não é apenas um desejo, é uma necessidade. É a única maneira de me deixar partir sem dor, leve. E porque você me conhece como ninguém jamais conheceu nesta vida e sabe que eu estou muito convicto que é o melhor. Eu só tenho você.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Você se casou comigo por que precisava de alguém para assinar, concordando com essa insanidade?

BEN– Eu casei com você porque eu te amo.

ANTON– Eu não sei Ben. *(TEMPO)* Eu realmente não sei.

BEN– Não foi fácil para mim, eu também levei um tempo. Mas saiba que além de me ajudar, eu poderei partir com o seu sobrenome e deixarei para você – por direito – tudo que nós construímos. Você é meu companheiro de vida, o meu amor.

ANTON– Eu vou sentir tanto a sua falta. Eu não consigo...

BEN– É melhor sentir saudade do que ver o meu sofrimento.

ANTON– Você é um louco! E eu te amo tanto, tanto, tanto.

BEN– Uma série de requisitos foram cumpridos para que eu tomasse essa decisão. Avise o seu advogado que assistência ao suicídio não é crime. Ele deve saber disso. E verifique se você realmente poderá me acompanhar durante o procedimento. De todo modo a assinatura pode ser feita antes da minha viagem. Não há crime nenhum, perante a justiça. É diferente com a eutanásia, que é punida por lei. No meu caso, eu tenho uma doença incurável, com morte previsível atestada. Essa mesma doença vai provocar sofrimentos psíquicos, físicos e com o tempo a minha existência se tornará insuportável.

*Durante o texto de **BEN** a luz é modificada dando a impressão de passagem de semanas. **ADILAH** entra em cena carregando algumas malas. Aos poucos as camas são retiradas do palco. Há um clima, mas não é triste.*

BEN– O que eu mais fiz durante todo esse tempo foi discernir entre o certo e o errado, acreditem. Eles não aceitam pessoas com quadro depressivo, o paciente pode até estar triste, porém a tristeza não é tão sintomática quanto a depressão. E eles pedem atestado psiquiátrico. Eu lutei muito para não ficar deprimido! Foi a música que me permitiu viver um pouco mais para poder realizar esse concerto. É a última coisa que eu farei antes de partir de uma vez.

Concerto No. 3 em Fá maior, op. 8, RV 293, "L'autunno" / 3. Allegro.

ADILAH– Eu chamei o carro, ele já está a caminho.

***ADILAH** sai de cena. Restam os homems que conversam serenos. Aqui, **BEN** já demonstra sinais evidentes de que o agravamento da doença prejudicou a sua dicção. Ele fala com dificuldades e também tosse e sente falta de ar.*

ANTON– Eu achei que o nosso amor seria para sempre.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

BEN– O nosso amor é para sempre.

ANTON– Mas eu pensei que nós viveríamos juntos para sempre.

BEN– Tempo demais, você não acha?

ANTON– Vai ser difícil sem você.

BEN– A vida é como um carro numa longa estrada e sem destino, onde só é permitido seguir em frente. Sempre em frente! Mas o mais importante, é manter a estrada na mais perfeita ordem. Muita gente se preocupa apenas consigo – o carro – e se esquece que a estrada é feita para todos. E que muitos irão passar por ela... Amigos, amores! Você precisa recomeçar... você é um homem lindo – ranzinza – mas incrivelmente interessante.

ANTON– Você sabe que eu detesto despedidas melancólicas.

BEN– Em toda relação de amor, só se deve chorar pelo que não se fez.

*Carinhosamente **ANTON** beija **BEN** na testa. **ADILAH** aparece em cena.*

BEN– Nós precisamos ir não é Adilah?

ADILAH– Sim, o carro está à espera dos senhores.

BEN– É hora de partir. Antes me deixa olhar por um último segundo para esta casa. *(FECHA OS OLHOS).* Eu vejo os quadros da Frida Khalo, os tapetes, seus livros, a poltrona amarela... Agora tudo já pode voltar ao normal, como era antes de tudo.

***BEN** abre os olhos. **ADILAH** se aproxima dele.*

ADILAH– O senhor precisa ter fé. Acreditar em Deus.

BEN– Apenas aquilo que eu consigo tocar é que me faz crer na existência de qualquer manifestação divina.

ADILAH– Se a gente tiver que comprovar a veracidade de tudo, onde está a fé?

BEN– Você tem razão. *(TEMPO)* Adeus Adilah, cuide deste homem. Ele é o bem mais precioso que eu já partilhei em vida.

ADILAH– Ele estará bem guardado senhor.

BEN– Toda alma provará o gosto da morte...

ADILAH– E no dia da ressurreição sereis recompensado integralmente pelos vossos atos. Quem for afastado do fogo infernal e introduzido no Paraíso triunfará.

Os três sorriem e parecem conformados com o que virá. A música cresce a medida que a luz cai em resistência indicando o fim do OUTONO.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

INVERNO

Concerto No. 4 em Fá menor, op. 8, RV 297, "L'inverno" / 1. Allegro nom Molto.

Há uma passagem de tempo de algumas semanas. As mobílias que ficaram da estação anterior são retiradas assim como os remédios e itens associados a ***BEN****. Dois homens colocam no cenário algumas caixas de papelão que guardam livros, além de várias telas embaladas com plástico bolha.* ***ADILAH*** *indica o local onde devem ser deixados os pertences. O telefone toca algumas vezes mas ela decide não atender. Os homens deixam o palco.* ***ANTON*** *aparece carregando uma maleta. Ele está vestido com calça social, camisa, pulôver, gravata listrada e um casaco pesado.* ***ADILAH*** *intervém certeira.*

ADILAH– Como foi o primeiro dia?

ANTON– Dificil! Encarar novos colegas de trabalho... alunos cheios de expectativas... além de um novo modelo de ensino, é amedrontador. Eu já estava acostumado com a universidade. Eu era tão respeitado naquele lugar. *(TEMPO)* Como as coisas mudam, não é?

ADILAH– O sucesso é um professor perverso. Ele seduz as pessoas inteligentes e as faz pensar que jamais vão cair.

ANTON– E não é que eu levei um baita tombo?

ADILAH– Encare como um aprendizado.

ANTON– Com tudo isso eu devo ter amadurecido uns dez anos.

ADILAH– A gente não amadurece pelos anos, amadurece pelos danos. E com o tempo, as pessoas vão se esquecer do que aconteceu na universidade e o senhor poderá voltar de cabeça erguida.

ANTON– É mais fácil lidar com uma reputação do que com uma má consciência. Mas eu vou sobreviver!

ADILAH– Logo, tudo voltará ao normal.

ANTON– Muitas vezes o tempo da espera é para sempre.

ADILAH– Mesmo assim, precisamos seguir em frente.

Um tempo breve. ***ADILAH*** *investiga o homem.*

ADILAH– O senhor vai desembalar alguma coisa?

ANTON– Hoje não.

ADILAH– Tem mais de um mês que a resposta é sempre a mesma.

ANTON– Eu já estava acostumado a viver com o mínimo. Por que juntamos tantas tralhas durante a vida!? Eu pensei em doar... livros, roupas, alguns sapatos.

ADILAH– É sempre bom esvaziar as gavetas. Tem sempre alguém que precisa mais do que nós. Faça isso!

CONSULTE DIRETO AUTORAL

ANTON– Mas não hoje... hoje não.

ADILAH– Ainda assim será preciso desembalar para decidir o que fica e o que vai para a caridade. Quando nós começamos?

ANTON– Mas que pressa Adilah! *(TEMPO)* Quando for a hora eu farei.

***ANTON** deixa a maleta no chão e caminha uns passos. Ele chora discreto.*

ADILAH– Senhor Anton, me permita abraçar o senhor.

***ANTON** segue em direção a **ADILAH**. Ela acolhe o homem em seus braços. Depois do abraço, **ANTON** conta sobre o procedimento de morte assistida.*

ANTON– "É amargo", ele disse assim que ingeriu a dose do remédio. "Eu vou tomar de uma vez por que eu não quero morrer com pequenos goles". *(TEMPO)* Eu comecei a chorar, mas ele me pediu para não dar vexame. "A morte não melhora ninguém" ele disse sorrindo, o que me fez rir também... *(TEMPO)* Eu fiquei perto dele, sentindo a sua respiração... até ele começar a ter sonolência. *(TEMPO)* Eu segurei a mão dele e aos poucos ele foi apagando, até dormir de uma vez.

ADILAH– Os sábios chamam o sono de "morte pequena". Todo dia quando dormirmos, Deus está nos lembrando da morte, pois neste momento perdemos o controle sobre nós mesmos. *(TEMPO)* Quando o sono nos alcança ficamos completamente vulneráveis e somente despertamos pela anuência de Deus. Todas as noites ele tira a nossa alma e leva para junto dele. *(TEMPO)* Se você acordar na manhã seguinte é por que ganhou mais um dia de aprendizado neste mundo. *(TEMPO)* O senhor devia fazer uma prece. Ela sempre traz uma perspectiva de um futuro bom.

Concerto No. 4 em Fá menor, op. 8, RV 297, "L'inverno" / 2. Largo.

ADILAH– Nós podemos fazer a oração de Salat Al Wehsha, que é uma oração especial da solidão e melancolia. O senhor Ben pode sentir-se menos apavorado...

ANTON– *(CORTANDO)* Eu não acredito que o Ben esteja apavorado... esteja ele onde estiver. Mas nós podemos fazer uma prece, cada um na sua religião.

ADILAH– Eu não concordo com a decisão tomada pelos senhores, mas eu não vou julgar. Antecipar a morte é ir contra as escolhas de alá.

ANTON– Era nisso que eu pensava durante a viagem: eu estou fazendo o certo? Só faltava minha assinatura para que o Ben cumprisse todos os requisitos. Eu me sinto culpado, mas eu fiz o melhor para ele.

CONSULTORIA AUTORAL

ADILAH– Se a sua consciência estiver em paz.

ANTON– Ela ficará!

ADILAH– Nós construímos o futuro nesse mundo e no outro. O que está feito, está feito. O senhor terá a sua sentença quando for a hora.

ANTON– Com todo respeito Adilah, mas eu não entendo como vocês prezam por estes princípios e no entanto, o seu povo de forma brutal, promove o terrorismo por todo o mundo.

ADILAH *faz um breve silêncio. Então ela dispara com calma.*

ADILAH– Senhor Anton, eu perdi o meu marido e dois filhos homens para o terrorismo. Minha única filha foi vendida para um mercador quarenta anos mais velho, e se seguir a tradição, ela irá apanhar do marido quando começar a perder os encantos. Eu nunca mais irei vê-la, nunca! *(TEMPO)* Eu fugi do meu país quando eu fiquei viúva, por que certamente eu seria a próxima a morrer, depois que me expulsaram da minha casa. *(TEMPO)* O senhor acha que eu concordo com o que o meu povo tem feito em nome da religião?

ANTON– Você nunca mais tentou retornar?

ADILAH– Senhor Anton, existe uma interpretação radical do islã onde a mulher é tratrada como objeto e não como sujeito. *(TEMPO)* A mulher é propriedade do homem... Homem pode fazer o que quiser com ela. Pode machucá-la, maltratá-la, estuprá-la e até matá-la. *(TEMPO)* O senhor voltaria para um lugar que oferece risco a sua gente?

ANTON– Evidente que não.

ADILAH– Como eu disse, eu vi a morte de perto diversas vezes e consegui escapar pela vontade de Deus.

ANTON– Me desculpe se eu fui grosseiro ao tocar nesse assunto.

ADILAH– Em todo lugar tem gente boa e mal intencionada. *(TEMPO)* O homem precisa parar de julgar o livro pela capa.

ANTON– Eu preciso aprender mais com você. Obrigado por estar comigo num momento difícil como esse.

ADILAH– Senhor Anton, eu já não tenho mais o que fazer aqui, eu sinto que a minha função terminou. A partir de agora o senhor já pode seguir sozinho.

ANTON– Você vai embora?

ADILAH– Está na hora do senhor aprender a dar o próximo passo.

ANTON– E para onde você vai?

ADILAH– Eu sou uma enfermeira, sempre haverá alguém precisando dos meus serviços. Eu estou acostumada a enfrentar a morte, nem sempre uma família está preparada para cuidar de um doente.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTON– Como eu vou fazer para arrumar a bagunça, colocar a casa em ordem?

ADILAH– Eu já trouxe grande parte das coisas que estavam na garagem. Eu vou ajudá-lo a abrir as caixas, não se preocupe, eu não vou embora da noite para o dia. Mas o senhor precisa criar coragem para mexer nos pertences do senhor Ben e colocar as suas coisas em ordem.

ANTON– Eu não sei se eu consigo Adilah.

ADILAH– Essa dor é sua, é o senhor que precisa enfrentar. *(TEMPO)* A gente nunca sabe quanto o tempo o outro vai morar na gente depois da despedida. Eu guardo cada um dos meus aqui comigo.

ANTON *abre uma caixa aleatória. Tira um violino quebrado, velho.*

ANTON– Esse foi o primeiro violino que ele comprou quando começou a tocar profissionalmente. *(TEMPO)* Ele não jogava e nem me deixava jogar fora... dizia que era uma lembrança. Foi o único que ele guardou, todo quebrado. *(TEMPO)* Você consegue ver esses remendos de cola que ele fez? Está todo puído pelo tempo... Os demais ele sempre doava para alguém que demonstrasse interesse em aprender a tocar.

Concerto No. 4 em Fá menor, op. 8, RV 297, "L'inverno" / 3. Allegro.

ANTON– Ele costumava dizer que quando ele tocava era sempre para o compositor, como uma reverência à genialidade de quem escreveu a obra. O último concerto para Vivaldi... *(TEMPO)* Ele estava praticamente sem força para tocar e mal conseguia segurar o arco do violino. Então ele me pediu que eu desse um jeito dele fazer a apresentação. Eu falei com o diretor da orquestra de Larson e eles conseguiram realizar o desejo do Ben. *(TEMPO)* Eles colocaram a cadeira dele no centro do palco, ao lado do maestro. O violino ficou no colo e o arco sobre o violino. Ele fez questão de vestir uma roupa de gala e me pediu para arrumar o cabelo dele. *(TEMPO)* Ele estava tão lindo... e tão feliz. No final ele foi ovacionado pela plateia e pelos músicos. Foram mais de cinco minutos de aplausos.

Um tempo breve.

ADILAH– O senhor vai jogar fora ou passar adiante?

ANTON– Eu não sei Adilah. Eu preciso decidir isso hoje?

CONCURSO DIREITO AUTORAL

O telefone toca. ***ADILAH*** *segue em direção ao telefone.* ***ANTON*** *faz sinal para que ela não atenda. Ele mesmo segue em direção ao aparelho.*

ANTON– Pode deixar que eu atendo Adilah. Já que eu vou assumir esta casa é bom que eu comece pelo telefone.

ANTON *atende o telefone.*

ANTON– Alô! *(TEMPO)* Giovanni é você? *(TEMPO)* Você não sabe como eu fico feliz em ouvir a sua voz. Você já está um rapaz, não é? *(TEMPO)* Eu tenho tanta saudade de você, muitas, muitas... *(TEMPO)* Meu Deus, você está com quantos anos? *(TEMPO)* Treze? Como o tempo passa ligeiro. *(TEMPO)* E você tem uma namorada! Como é o nome dela? *(TEMPO)* Camila, que lindo nome. *(TEMPO)* As flores da primavera foi você e sua namorada que me enviaram? *(TEMPO)* Eu gostei, gostei muito. Do cartão também! Mas vocês poderiam ter assinado para eu saber... *(TEMPO)* É claro, você tem razão, a sua mãe não podia saber. E como ela está – a sua mãe? *(TEMPO)* Eu entendo que ela não queira falar comigo, mas diga a ela – se você tiver oportunidade – que eu estou pronto para vê-los quando vocês quiserem me ver, é claro. *(UM TEMPO MAIOR,* ***ANTON*** *OUVE EMOCIONADO AS PALAVRAS DO FILHO).* Um beijo meu filho, saudades. Até breve!

ANTON *desliga o telefone bastante sensibilizado.*

ANTON– Era o meu filho, Adilah. *(TEMPO)* Eu tenho um filho... Tem alguns anos que eu não vejo ele. Complicações por toda a minha condição, as escolhas que eu fiz... *(TEMPO)* Eu espero ter tempo de contar para você.

ADILAH– Não precisa senhor Anton.

ANTON– Foi o meu filho que mandou aquelas flores na primavera... os cartões sem assinatura... as ligações que não completavam... *(TEMPO)* Treze anos Adilah! Treze! Eu sinto tantas saudades dele... eu vou sentir tanta falta do Ben.

ADILAH– Um dia o senhor irá acordar e perceber que não há mais dor. Aos poucos a sua alma vai filtrando a tristeza e só restarão lembranças. Boas, ruins. E com o passar dos anos os detalhes vão se perdendo no emaranhado de novas histórias até que reste muito pouco ou quase nada. Ainda assim, diante deste pequeno fragmento, você precisará de muito esforço para que o tempo não apague de vez todas as lembranças. É importante deixar fluir, o rio precisa seguir o seu curso. O senhor fez o que devia fazer. E aquilo que se faz por amor está além do bem ou do mal. Não se permita lamentar por tanto tempo. O sofrimento não faz bem a alma. *(TEMPO)* Eu vou me deitar, amanhã nós começamos a abrir as caixas, se o senhor estiver pronto.

COPYRIGHT DIREITO AUTORAL

ADILAH *se encaminha para a saída. Ela para e fala com calma.*

ADILAH– Senhor Anton. Por trás de um grande amor, está sempre uma grande história.

Ouvimos "Stabat Mater" de Vivaldi. ***ADILAH*** *sai de cena,* ***ANTON*** *permanece sozinho. Ele começa a abrir as caixas com muita calma. Em seguida ele desembala alguns quadros da Frida Khalo até se deparar com a tela "O Sonho". Ele segura o quadro abraçando-o como um filho sem desviar o foco. A música cresce e as luzes se apagam em resistência indicando o fim da peça, mas que a vida continua e o INVERNO será frio.*

*Dedicado a meu pai, pelas lutas da vida.

São Paulo, maio de 2019.

CONSULTE DIREITO AUTORAL